

Propriedades coesivas e semântico-pragmáticas do conector complexo *por isso* no português brasileiro contemporâneo

Cohesive and semantic-pragmatic properties of the complex connector *por isso* in contemporary Brazilian Portuguese

Propiedades coesivas y semántico-pragmáticas del conector complejo *por isso* em português brasileiro contemporâneo



Monclar Guimarães Lopes

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: monclarlopes@id.uff.br



Mayra Laurindo Rabello

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: mayra_laurindo@id.uff.br

Resumo: Neste artigo, descrevemos as propriedades coesivas e semântico-pragmáticas do conector complexo *por isso* no português brasileiro contemporâneo. Para esse fim, analisamos 100 dados de uso do *Corpus do Português* (base *Now*) à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Linguística Textual. Nossos resultados apontam que o referido conector apresenta três aspectos particulares que não constam dos compêndios gramaticais: i) assume três valores semânticos distintos no domínio da causalidade; ii) possui propriedades coesivas tanto sequenciais quanto referenciais; iii) articula orações, períodos e parágrafos, com diferenças quanto ao escopo remissivo nesses três níveis.

Palavras-chave: Conector complexo *por isso*. Propriedades semântico-pragmáticas. Propriedades coesivas. Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística Textual.

Abstract: In this paper, we describe the cohesive and semantic-pragmatic properties of the complex connector *por isso* in contemporary Brazilian Portuguese. To reach this goal, we analyzed 100 tokens from the *Portuguese Corpus (Now Database)* applying the theoretical assumptions of Usage-Based Linguistics and Text Linguistics. Our results indicate that this connector shows three specific aspects that are not present in grammar textbooks: i) it assumes three different semantic values in the domain of causality; ii) it has cohesive properties, both sequential and referential; iii) it articulates clauses, periods, and paragraphs, with differences regarding the cross-reference scope at these three levels.

Keywords: Complex connector *por isso*. Semantic-pragmatic properties. Cohesive properties. Usage-based Linguistics. Text Linguistics.

Resumen: En este artículo, describimos las propiedades cohesivas y semántico-pragmáticas del conector complejo *por isso* en el portugués brasileño contemporáneo. Analizamos 100 ocurrencias del *Corpus do Português (Base Now)* a la luz de los fundamentos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso y la Lingüística Textual. Nuestros resultados indican que este conector tiene tres aspectos particulares ausentes en las gramáticas: i) asume tres valores semánticos diferentes en el dominio de la causalidad; ii) tiene propiedades cohesivas secuenciales y referenciales; iii) articula cláusulas, periodos y párrafos, con diferencias en cuanto al alcance de la referencia en estos tres niveles.

Palabras clave: Conector complejo *por isso*. Propiedades semántico-pragmáticas. Propiedades cohesivas. Lingüística Funcional Centrada en el Uso. Lingüística Textual.

Submetido em 17 de maio de 2022.

Aceito em 11 de agosto de 2022.

Publicado em 01 de novembro de 2022.

Introdução

Na tradição gramatical, é muito comum que se atribua a *por isso* a classificação de conjunção coordenativa conclusiva. Sob esse ponto de vista, o respectivo elemento é empregado na articulação de orações “gramaticalmente independentes” (LIMA, 2003, p. 260), com a finalidade de exprimir uma relação de conclusão ou consequência (cf. CUNHA; CINTRA, 2001; KURY, 2000), e concorre pelo uso com outras conjunções da mesma classe, como *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *assim* etc. Vejamos, à guisa de ilustração, como as referidas obras definem e exemplificam essas conjunções e/ou as orações por elas introduzidas:

Quadro 1. Conjunções e orações conclusivas na tradição gramatical.

<p>Cunha e Cintra (2001, p. 581)</p>	<p>CONJUNÇÕES CONCLUSIVAS servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: <i>logo</i>, <i>pois</i>, <i>portanto</i>, <i>por conseguinte</i>, <i>por isso</i>, <i>assim</i> etc.</p> <p>Conheci, <i>pois</i>, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, <i>portanto</i> em 1924. (P. Nava, BM, 329).</p> <p>Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, <i>logo</i> prejudica. (Almada Negreiros, NG, 150).</p>
<p>Kury (2000, p. 68)</p>	<p>ORAÇÕES CONCLUSIVAS: a segunda oração coordenada exprime conclusão ou consequência lógica da primeira. As orações conclusivas são introduzidas pelas conjunções <i>logo</i>, <i>portanto</i>, <i>então</i>, <i>assim</i>, <i>por isso</i>, <i>por conseguinte</i>, <i>pois</i> (<i>posposta ao verbo</i>), <i>de modo que</i>, <i>em vista disso</i> etc.</p> <p>“Teu amigo está doente e sem recursos; deves, <i>portanto</i>, auxiliá-lo e confortá-lo” (Said Ali, GS, 185).</p> <p>“A desintegração do núcleo libera calor, <i>logo</i> fornece trabalho.”</p>

Lima (2003, p. 185)	<p>CONJUNÇÕES CONCLUSIVAS</p> <p>Relacionam pensamentos tais, que o segundo encerra a conclusão do enunciado no primeiro. São: <i>logo, pois, portanto, consequentemente, por conseguinte</i> etc.</p> <p>Exemplos:</p> <p>Teu carro já está velho; <i>logo</i>, não pode subir a serra. Foste injusto com teu amigo; <i>deves, pois</i>, desculpar-te.</p>
---------------------	---

Fonte: Autoria própria.

Bechara (2004), diferentemente dos autores supracitados, considera que esses elementos de valor conclusivo não têm estatuto de conjunção, mas sim de advérbio. Embora reconheça que essas unidades atuam na articulação interoracional – e também intertextual (cf. BECHARA, 2004, p. 322) –, entende que elas não têm as mesmas propriedades das conjunções, uma vez que podem estar articuladas a uma conjunção e apresentam liberdade posicional, conforme podemos observar nos dois exemplos abaixo (BECHARA, 2004, p. 322), em que *portanto* se justapõe à conjunção “e” – ocorrências (a) e (b) – e é deslocado para o interior da oração – ocorrência (b):

- a) Não foram ao mesmo cinema *e, portanto*, não se poderiam encontrar.
- b) Ele *e, portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

Defendemos que a posição de Bechara (2004) quanto à classificação categorial dos conectores¹ conclusivos é mais adequada – sendo, inclusive, afim com outras visões contemporâneas, como a de Castilho (2014) e a de Raposo *et al* (2015), por exemplo. No entanto, entendemos que ainda existem três pontos frágeis a serem investigados e descritos, tanto no que diz respeito à classe

¹ Empregamos, aqui, o termo “conector” em conformidade com a perspectiva de Rosário e Sambrana (2021). Trata-se de uma categoria ampla, que abriga diferentes classes de palavras (como conjunções e advérbios) que atuam na articulação de orações, períodos ou parágrafos.

dos conectores conclusivos quanto às especificidades de *por isso*, nosso objeto de estudo.

Em primeiro lugar, mesmo sabendo da existência de estudos que compartilham a ideia de que os conectores conclusivos – como *por isso* – podem veicular noções tanto de conclusão quanto de consequência, eles não apresentam critérios de análise que nos permitam diferenciar essas duas concepções semânticas. Além disso, encontramos, em nossos dados, um terceiro valor semântico-pragmático² para o conector *por isso*, pertencente ao domínio do ato de fala, nos termos de Sweetser (1990). Trata-se de um aspecto que não está descrito na literatura gramatical investigada. Como ilustração, segue uma ocorrência em que esse sentido é observado:

(01) A orientação teórica é essencial para uma militância revolucionária, “sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário”, nos ensinou Lênin. A teoria deve estar aliada à experiência e à militância cotidiana. *Por isso*, nas universidades de férias, além dos cursos, os participantes também têm uma experiência de trabalho coletivo e estudo³.

Sweetser (1990), sob uma orientação da Pragmática, declara que todas as relações da causalidade de uma língua podem ser descritas com base em três domínios da causalidade: o domínio do conteúdo, o epistêmico e o de ato de fala. Feitas as devidas associações, entendemos que podemos atribuir, ao domínio do conteúdo, a noção de consequência; ao epistêmico, a noção de conclusão; ao de ato de fala, o valor “elaboração”, termo adotado por nós com base em uma das relações lógico-semânticas propostas por Halliday (2004)⁴. Esta categoria tem como característica principal a apresentação de um esclarecimento, exposição ou exemplificação, ao trazer informações adicionais sobre a unidade discursiva anterior.

2 A expressão “valor semântico-pragmático”, no lugar de “valor semântico”, é empregada por entendermos que o sentido atribuído à expressão depende diretamente do contexto em que o elemento é empregado.

3 Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/44a-universidade-de-ferias-sera-uma-experiencia-unica/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

4 Explicaremos melhor esses três domínios nas próximas seções deste artigo, bem como as distinções entre as noções de consequência, conclusão e elaboração.

É o que ocorre em (01), uma vez que o período encabeçado por *por isso* acrescenta informações ao período que lhe antecede, ao mencionar as atividades da Universidade de Férias que ilustram seu compromisso com a articulação entre teoria e prática.

Em segundo lugar, na descrição tradicional, o foco está na articulação de unidades oracionais, cujo escopo máximo é o período. A despeito de Bechara (2004), diferentemente dos outros autores previamente citados, reconhecer que os conectores conclusivos atuam também na articulação intertextual – isto é, na articulação de unidades discursivas de extensão superior à frase, como na conexão de períodos e parágrafos, por exemplo –, o estudioso não propõe uma análise detalhada do fenômeno, que nos possibilite aferir a existência de diferenças formais e/ou funcionais entre esses três diferentes níveis.

Em último lugar, *por isso* é tratado, nessas obras, no mesmo bojo de todos os outros conectores conclusivos. Não obstante esses elementos sejam normalmente apresentados como variantes nas gramáticas, dado que são potencialmente alternáveis entre si em seus contextos de uso, há certas particularidades em *por isso*. No que tange à estrutura, é um conector complexo, formado por dois elementos: uma preposição, *por*, e um pronome demonstrativo, *isso*. No que diz respeito às propriedades coesivas, *por* atua na sequenciação, na medida em que promove a articulação entre predicções ou proposições, e *isso*, na referenciação, já que é um encapsulador e, dessa maneira, remete a uma porção prévia e delimitada de texto. Sobre esse último aspecto, é possível dimensionar o escopo remissivo de *isso*, de acordo com a posição do conector.

A esse respeito, na ocorrência (01), mais acima, podemos observar que o conector se encontra na posição interperíodo e sua subparte *isso* tem como escopo remissivo o período anterior: “a teoria deve estar aliada à experiência e à militância cotidiana”. Já em (02), a seguir, o escopo é mais amplo: *por isso* está na posição interparágrafo e o pronome demonstrativo *isso* faz remissão a todo o parágrafo precedente, constituído de dois períodos e diversas orações.

(02) Para María Marroquín, a vida em El Salvador se tornou intolerável depois que membros de uma gangue que extorquia dinheiro mataram vários comerciantes no mercado onde trabalhava. Ela também passou a temer pela vida do filho de 27 anos, David, depois que um primo foi sequestrado e desapareceu sem deixar rastros.

Por isso, no ano passado, aos 52 anos, ela decidiu sair do país. A diferença é que, ao contrário dos muitos conterrâneos que tomaram a mesma decisão difícil, ela preferiu atravessar o Atlântico, rumo à Europa, em vez de se juntar aos milhares que estão seguindo a pé para o norte, na esperança de chegar aos EUA e obter asilo ali⁵.

Neste artigo, buscamos descrever, mais detidamente, esses três aspectos que acabamos de mencionar, ou seja: i) os três diferentes valores semântico-pragmáticos veiculados pelo conector *por isso*: consequência, conclusão e elaboração; ii) suas propriedades coesivas particulares, sendo *por* um elemento de sequenciação e *isso*, de referenciação; iii) a relação existente entre o nível de articulação do conector – se oracional, interperíodo ou interparágrafo – e o escopo remissivo do pronome demonstrativo *isso*, uma das subpartes do conector. Para além desses objetivos, nossa análise também busca chegar a algumas generalizações quanto às propriedades formais e funcionais do referido conector.

Essa investigação foi realizada, principalmente, à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016, entre outros) e da Linguística Textual (cf. KOCH, 2003; FÁVERO, 2004). Duas outras abordagens convergentes complementam nossa análise: a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004) e a Pragmática (SWEETSER, 1990). As conclusões a que chegamos são oriundas da análise de 100 ocorrências de uso – extraídas da base

⁵ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/em-vez-de-tentar-chegar-aos-eua-centro-americanos-comecam-a-fugir-para-a-europa/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

de dados *Now*, do site *Corpus do Português* –, interpretadas sob uma metodologia quali-quantitativa (cf. CUNHA LACERDA, 2016).

Quanto à organização, este texto apresenta cinco seções. Além desta introdução, há: pressupostos teóricos; *Corpus* e metodologia; análise de dados e considerações finais. Por fim, as referências bibliográficas encerram o artigo.

Pressupostos teóricos

Dois abordagens teóricas subsidiam nossos estudos: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)⁶ e a Linguística Textual (LT). A primeira, de maneira análoga aos demais modelos funcionalistas, descreve as línguas naturais com base em dados empíricos de uso, uma vez que vê a gramática como um sistema adaptativo moldado por duas forças: uma interna, originada no domínio da língua; outra externa, pertencente ao domínio dos requisitos funcionais do discurso (cf. DU BOIS, 1985). O que diferencia a LFCU das outras perspectivas de base funcional é que ela busca suas generalizações por meio da observação de aspectos tanto formais (fonológicos e morfossintáticos) quanto funcionais (semânticos, pragmáticos e discursivos), dando-lhes importância equivalente e entendendo-lhes como interdependentes, na medida em que se influenciam mutuamente: [[FORMA] ← → [FUNÇÃO]] (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A segunda – a Linguística Textual – busca, nas palavras de Marcuschi (1983, p. 12), descrever as “operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”. Para nossa pesquisa, importam as operações linguísticas e cognitivas que atuam na progressão textual, mais especificamente, os mecanismos que estabelecem a coesão do texto.

⁶ O termo Linguística Funcional Centrada no Uso foi cunhado, no Brasil, pelo Grupo de Estudos Discurso e Gramática. O nome representa a união de duas abordagens linguísticas: de um lado, a Linguística Funcional Norte-Americana praticada na Costa Oeste; de outro, a Gramática de Construções Baseada no Uso. A substituição de “baseada” por “centrada” foi uma sugestão do saudoso Mário Martelotta, que considera que a abordagem funcional não apenas se baseia no uso, mas, sim, tem como centro da análise o uso linguístico.

Como sabemos, há dois processos coesivos principais, descritos amplamente na literatura linguística (cf. KOCH, 2003; FÁVERO, 2004; entre outros): a sequenciação – ou coesão sequencial – e a referenciação – ou coesão referencial. A primeira diz respeito “aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto [...] diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas à medida que faz o texto progredir” (KOCH, 2003, p. 53); a segunda, aos elementos da superfície do texto responsáveis pela “remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (KOCH, 2003, p. 31).

Na literatura vigente, esses dois processos coesivos são apresentados como distintos, de modo que um determinado elemento deve ser interpretado como uma estrutura de sequenciação ou de referenciação. Não obstante esse fato, *por isso* é formado por dois componentes, cada qual atuando em um desses processos: a preposição *por* estabelece a sequenciação de segmentos, de um lado, e o pronome demonstrativo *isso* encapsula predicacões prévias no contexto, de outro.

Segundo Conte (2003, p. 177), o encapsulamento é um “recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente de texto”. Ele é um mecanismo de referenciação que assume uma função tanto retrospectiva quanto prospectiva. Remete a um trecho precedente de texto – normalmente uma predicacão – e transforma-o em referente, isto é, em tópico discursivo. É o que ocorre no dado abaixo. Veja:

(03) [...] Diante de uma câmera, todo indivíduo se transforma em um ator, mesmo que exponha suas verdades mais íntimas e profundas. Essa ideia, esboçada em obras anteriores de Eduardo Coutinho, como “Santo Forte” e “Edifício Master”, ganha uma evidência incontornável em seu documentário mais recente, “Jogo de Cena”, que chega agora ao DVD. [...]⁷.

7 Folha de São Paulo, 07/12/98. Dado extraído de Lopes (2010, p. 32).

Na ocorrência acima, *essa ideia* é um encapsulamento. Remete a todo conteúdo do período precedente e transforma-o em objeto-de-discurso (cf. MONDADA; DUBOIS, 2003). Ao mesmo tempo em que faz esse movimento de retroação, promove um outro prospectivo, na medida em que *essa ideia* passa a assumir a função de tópico discursivo.

No caso do conector *por isso*, o pronome demonstrativo *isso* é um encapsulador que envolve apenas o movimento de retroação. Remete à porção prévia do texto, mas, diferentemente do exemplo acima, não atribui ao conteúdo a que faz remissão o estatuto de tópico discursivo. Na verdade, o movimento de prospecção pertence à preposição *por*, que atua como um sequenciador. Dessa maneira, podemos considerar que, na dimensão textual, é a relação de sequenciação que se sobressai em *por isso*, já que a progressão textual é promovida por meio desse processo.

A despeito desse fato, no entanto, o aspecto referencial não deve ser descartado, haja vista que a porção de texto encapsulada pelo pronome demonstrativo *isso* não é aleatória. Como vimos na análise das ocorrências (01) e (02), na primeira seção deste texto, o escopo remissivo do pronome demonstrativo *isso* está associado à posição do conector, ou seja, o escopo muda se o conector articula orações, períodos ou parágrafos.

Além da LFCU e da LT, os estudos da Pragmática (SWEETSER, 1990) e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004) complementam nossos estudos. De um lado, as investigações de Sweetser (1990) nos ajudam na interpretação dos valores semântico-pragmáticos de *por isso* nos três diferentes domínios da causalidade; de outro, uma das categorias analíticas de Halliday (2004) nos dá um melhor suporte para a especificação semântica do domínio do ato de fala, como veremos a seguir.

De acordo com Sweetser (1990), as relações de causalidade nas línguas naturais se expressam em três domínios: o domínio do conteúdo, o domínio epistêmico e o domínio do ato de fala. Relacionando os princípios de Sweetser (1990) a outros estudos sobre as

relações de causalidade, podemos considerar que o primeiro domínio envolve a causalidade do mundo real e conecta duas unidades discursivas (D1 e D2) – que podem ser orações, períodos e parágrafos –, por meio de uma relação de causa e consequência (ou consequência e causa). É de natureza factual, já que a relação estabelecida entre D1 e D2 é concreta, independente do ponto de vista do enunciador. Como exemplo desse domínio, Sweetser (1990, p. 77) apresenta esta frase: *John came back because he loved her* (John voltou porque a amava). Nesse caso, devemos levar em consideração o seguinte contexto discursivo: o enunciador está relatando um fato do qual tem conhecimento – provavelmente, porque ouviu o relato do próprio John, por exemplo. Ou seja, não se trata de uma inferência, mas do relato de um fato observado do mundo. Sob essa ótica, há uma relação de consequência na oração principal (*John voltou*) e causa na oração subordinada (*porque a amava*).

O domínio epistêmico, por sua vez, lida com realidades potenciais, mas não necessariamente concretas. Está associado às inferências de um enunciador a partir das observações que ele faz do mundo. Como ilustração, Sweetser (1990, p. 77) apresenta a frase *John loved her, because he came back* (John a ama, porque ele voltou). Nesse caso, a oração subordinada apresenta um fato tangível do mundo (*porque John voltou*); a oração principal, uma conclusão a que chega o enunciador: *John a ama*. Sob esse ponto de vista, a conclusão lida não com a realidade propriamente dita, mas com operações mentais, seja de natureza inferencial (dedutiva), como acabamos de ilustrar por meio da apreciação da frase de Sweetser (1990), seja de natureza lógica, como as estabelecidas por premissas: *Todo homem é mortal* (Premissa 1); *Sócrates é homem* (Premissa 2); *Logo, Sócrates é mortal* (conclusão). Portanto, podemos entender que o que diferencia o domínio do conteúdo do domínio epistêmico é que o primeiro existe no mundo – independentemente da perspectiva do enunciador –, enquanto o último é resultado da sua perspectiva.

O último domínio é o de ato de fala, que está em conformidade com a perspectiva de Grice (1975) e de Searle (1976). Nessa ótica,

a causalidade é expressa como uma forma de justificativa/esclarecimento. Como ilustração, Sweetser (1990) apresenta a frase *What are you doing tonight, because there's a good movie on?* (O que você vai fazer hoje à noite, porque tem um bom filme passando?). Nessa sentença, observamos que a oração subordinada *porque tem um bom filme passando* representa uma justificativa para um convite, que pode ser inferido contextualmente. Isto é, o enunciador não apenas demonstra interesse sobre o que seu enunciatário fará à noite; ele, na verdade, está lhe fazendo um convite.

Como podemos observar, a justificativa apresenta um nível mais abstrato da causalidade. Podemos, inclusive, postular, com base nesses três domínios, que eles se organizam numa escala de abstratização, em que o domínio do conteúdo é o mais concreto; o ato de fala, o mais abstrato. Dessa maneira, a escala seria a seguinte: conteúdo → epistêmico → ato de fala.

No que diz respeito ao conector *por isso*, observamos que ele se apresenta nos três domínios supracitados. No domínio do conteúdo, ele encabeça as relações de consequência; no domínio epistêmico, as relações de conclusão. Como o domínio de ato de fala apresenta uma relação de justificativa/explicação, pensamos, a princípio, em empregar o termo “explicação” para designá-lo. No entanto, como essa categoria semântica é tradicionalmente relacionada às conjunções coordenativas explicativas – cujo sentido é distinto do empregado em *por isso* –, recorreremos a uma categoria lógico-semântica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004): a elaboração.

Para Halliday (2004), a elaboração é um tipo de expansão lógico-semântica que envolve uma relação de igualdade, no plano de conteúdo, entre duas unidades de informação: 1=2. Trata-se de uma macrocategoria semântica que comporta outras três categorias mais específicas, a saber: a exposição, a exemplificação e o esclarecimento. A análise que fizemos da ocorrência (02), na seção anterior, por exemplo, serve como ilustração do uso de *por isso* nesse domínio, ao qual atribuímos o valor semântico-pragmático de esclarecimento. Vale ressaltar, no entanto, que há usos em que

por isso assume valores de exposição e exemplificação. Exploraremos esses outros sentidos na seção de análise de dados.

Corpus e metodologia

Como mencionamos, a pesquisa adotou procedimentos qualitativos para constituir uma metodologia adequada à pesquisa linguística. Nesse sentido, utilizamos os pressupostos da Linguística de Corpus para constituir o *corpus* da pesquisa, que nos permitiu analisar cuidadosamente as funções do conector. Foram levantadas 100 ocorrências de *por isso* na base *Now*, disponível no site *Corpus do Português*⁸, porém ressaltamos que, dos dados selecionados, duas unidades discursivas⁹ possuíam duas ocorrências cada, totalizando 102 ocorrências de *por isso*.

Dos dados selecionados, nem todas as ocorrências de *por isso* atuavam como conectores. Assim, descartamos 21 dados que não atendiam ao objetivo da pesquisa e outros 15 foram excluídos por serem dados duplicados. Assim, nesta pesquisa foram analisadas 66 ocorrências de *por isso* com função conectora.

Como ilustração, segue uma ocorrência de dado descartado. Em (04), como é possível notar, *por isso* é um termo da oração, na medida em que exerce a função de complemento nominal.

(04) As japonesas são muito técnicas e defendem muito bem. É preciso ter muita paciência para jogar com elas. Por enquanto estamos indo muito bem e estamos felizes *por isso*¹⁰.

Visando à descrição das propriedades formais¹¹ (morfologia e sintaxe) e funcionais (semântica, pragmática e discurso), de acor-

8 <https://www.corpusdoportugues.org/>

9 O termo unidade discursiva é empregado para definir as diferentes porções textuais que podem ser encapsuladas pelo conector aqui analisado, como: orações, períodos e parágrafos. Designamos como D1 a primeira unidade discursiva e como D2 a segunda unidade discursiva.

10 Nas ocorrências 01 a 03, especificamos o endereço eletrônico das ocorrências. A partir de agora, como informamos que todas as ocorrências foram extraídas da base *Now*, do *Corpus do Português*, não identificaremos mais a localização de cada dado em sites externos.

11 Como os dados analisados são da modalidade escrita, optamos por não investigar as propriedades fonológicas neste trabalho.

do com os pressupostos da LFCU, os seguintes fatores de análise foram estabelecidos:

Quadro 2. Fatores de análise definidos para descrição de por isso.

Plano da forma	Propriedades morfológicas	- <i>por isto</i> pode ser uma variante de <i>por isso</i> , isto é, encontram-se dados em que <i>por isto</i> também estabelece conexão entre orações, períodos e parágrafos?
	Propriedades sintáticas	- em que posições o conector se apresenta no texto? - quais unidades estruturais conecta (orações, períodos e parágrafos)? - Há uma relação entre a unidade estrutural em que o conector se apresenta e a porção do texto encapsulada?
Plano da função	Propriedades semânticas	- quais são as funções semânticas do conector <i>por isso</i> ? Essas funções semânticas podem ser explicadas à luz dos domínios de Sweetser (1990)?
	Propriedades pragmáticas	- de que forma os elementos co(n)textuais colaboram para identificação da polissemia ¹² do <i>por isso</i> ?
	Propriedades discursivo-funcionais	- há promoção de uma coesão tanto referencial quanto sequencial em todas as ocorrências de <i>por isso</i> ? ¹³

Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, para avaliar esses fatores nas ocorrências, foram selecionados três macrocritérios de análise: valor semântico-pragmático; posição; e escopo remissivo. O valor semântico-pragmático foi analisado seguindo as classificações de Marques e Pezatti (2015) sobre os valores de consequência e conclusão, e de Lopes e Silva (2022), com sua proposta de elaboração que abarca os valores de esclarecimento, exposição e exemplificação. Ademais, Sweetser

¹² Uma vez que *por isso* pode veicular diferentes noções semânticas, a depender do contexto, consideramo-lo um conector de natureza polissemica.

¹³ A pesquisa também previa a investigação da relação entre valor semântico-pragmático e sequência tipológica. No entanto, não apresentamos esses dados neste texto, em virtude do espaço de que dispomos.

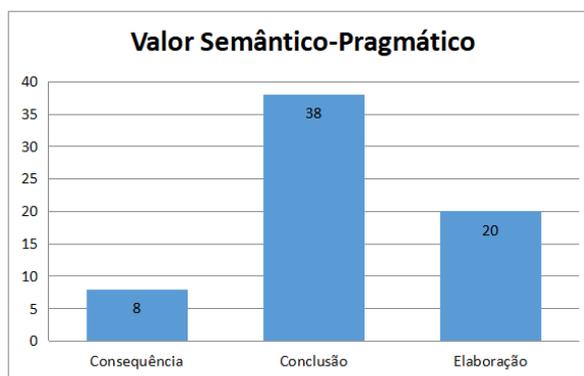
(1990) também se faz presente na análise do referido macrocritério, devido à associação entre os domínios da causalidade propostos pela autora e os valores do conector aqui apresentados.

O macrocritério de posição visava identificar o nível de conexão da conector, ou seja, identificar se conectava orações, períodos ou parágrafos. O escopo remissivo foi selecionado para identificar a quais e a quantas orações, períodos ou parágrafos o conector fazia referência.

Análise de dados

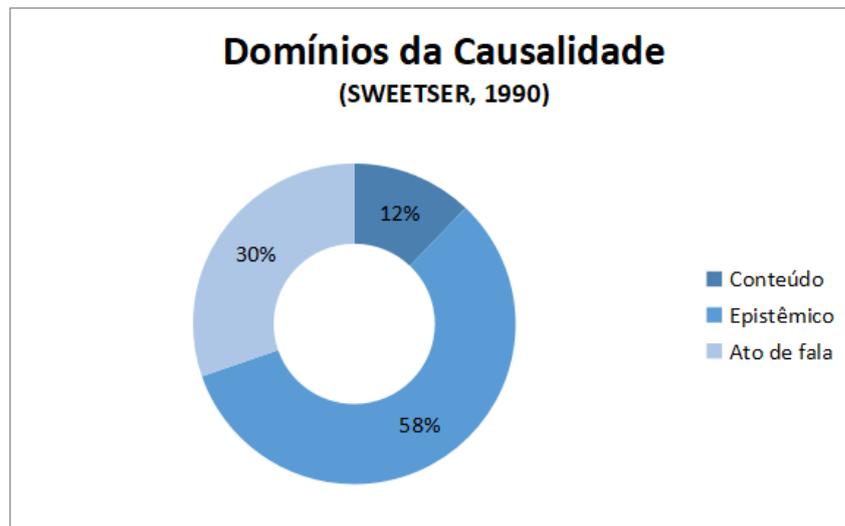
Em termos quantitativos, os dados a seguir apresentam o panorama dos usos identificados de *por isso*. O gráfico 1 demonstra que, no macrocritério, valor semântico-pragmático, a relação de conclusão se mostrou a mais produtiva com 38 ocorrências, seguida da relação de elaboração, com 20 ocorrências. A relação de consequência foi a menos produtiva, com apenas 8 ocorrências. Em equivalência aos domínios da causalidade (SWEETSER, 1990), o gráfico 2 demonstra a predominância do domínio epistêmico, referente às relações de conclusão, com 58% dos resultados, seguido do domínio do ato de fala, equivalente às relações de elaboração, com 30% e, por último, o domínio do conteúdo, representando as relações de consequência, com 12%.

Gráfico 1. Valor semântico-pragmático de *por isso*.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2. Representação dos domínios da causalidade (SWEETSER, 1990)¹⁴.



Fonte: Elaboração própria.

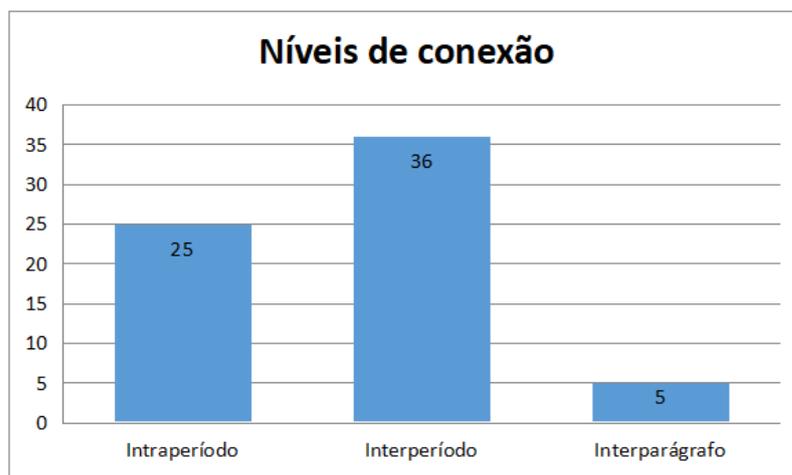
No macrocritério seguinte, posição, temos a representação dos níveis de conexão em que o *por isso* atua. Nesse caso, o conector se mostrou mais produtivo em relações interperíodo, na medida em que articula períodos diferentes de um mesmo parágrafo. Ao todo, foram 36 ocorrências. A relação intraperíodo, que liga orações de uma mesma sentença, teve a segunda maior frequência: 25 ocorrências. E as relações interparágrafo, que conectam diferentes parágrafos de um mesmo texto, foram menos produtivas: apenas 5 ocorrências.

O último macrocritério, escopo remissivo, que visava a identificar o escopo encapsulado pelo pronome demonstrativo “isso” nos diferentes níveis de conexão, está representado no gráfico 4. No nível intraperíodo, as ocorrências que relacionavam apenas a oração anterior foram as mais frequentes, com 20 ocorrências, representando 80% das relações desse nível, e apenas 5 ocorrências possuíam duas ou mais orações anteriores como escopo, representando 20% das relações do nível. No nível interperíodo, 26 ocorrências retomavam apenas o período anterior e 10 retoma-

¹⁴ Cabe frisar que há uma correspondência entre os gráficos 1 e 2. Sendo assim, o domínio do conteúdo (12%), no gráfico 2, representa as 8 ocorrências de consequência no gráfico 1; o domínio epistêmico (58%), as 38 ocorrências de conclusão; o domínio do ato de fala (30%), as 20 ocorrências de elaboração.

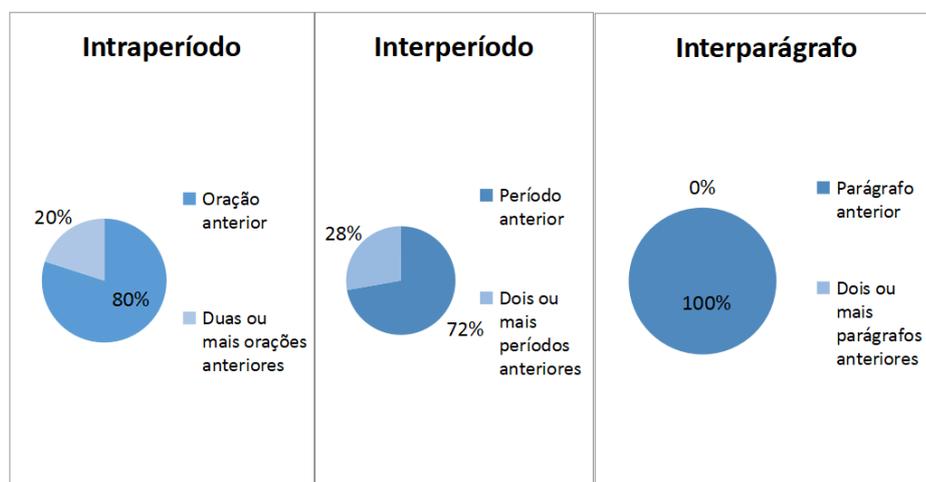
vam dois ou mais períodos anteriores, representando, respectivamente, 72% e 28% das relações do nível. Por fim, todas as relações do nível interparágrafo retomavam apenas o parágrafo anterior, de modo que não foram identificadas relações com dois ou mais parágrafos como escopo remissivo.

Gráfico 3. Níveis de conexão de *por isso*.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4. Escopo remissivo de *por isso* por nível de conexão.



Fonte: Elaboração própria.

Passemos, agora, a uma abordagem qualitativa dos dados levantados. Nota-se que *por isso* atua como conector, relacionando diferentes unidades discursivas. Ocorre principalmente em sequências dissertativas/argumentativas, narrativas e descritivas e a conexão por ele realizada exprime diferentes valores semântico-pragmáticos, que sintetizamos como: consequência, conclusão e elaboração. Observemos as ocorrências abaixo:

(05) A finalidade da exposição é celebrar o Dia Mundial do Fusca, que foi no último dia 22. “As pessoas estavam viajando por causa do feriado do São João e, por isso, adiamos o evento”, conta Júlio.

(06) O lagartinho-de-folhço foi descoberto em 1999 pela professora e pesquisadora da UFRN, Elisa Freire, nas áreas remanescentes de Mata Atlântica do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte e do Parque Estadual das Dunas. Por isso, a espécie foi batizada com o nome científico de Coleodactylos Natalensis Freire.

Em (05) temos o valor semântico-pragmático de consequência que, prototipicamente, estabelece uma relação de causa e consequência entre as unidades discursivas. A consequência é conceituada, por Marques e Pezatti (2015), como o tipo de conexão que apresenta uma relação de condição anterior e consequência posterior, sem necessitar de raciocínio inferencial por parte do falante. Além disso, esse valor semântico-pragmático é pertencente ao domínio do conteúdo para Sweetser (1990). Apresenta uma causalidade factual, em que a causa é anterior à consequência e ambas são externas ao falante, uma vez que essa relação ocorre independente de seu ponto de vista. No exemplo (05), a D1 “As pessoas estavam viajando por causa do feriado do São João” atua como a causa para o adiamento do evento expresso como consequência na D2: “por isso, adiamos o evento”.

A relação estabelecida nesse exemplo é entendida como pertencente ao domínio do conteúdo porque as pessoas viajarem no

feriado é um fato extralinguístico, é uma causa no mundo real que implica em consequência também no mundo real, isto é, as pessoas precisaram viajar para que, só depois, o evento fosse adiado.

Seguindo com a análise, temos o valor de conclusão, que pertence ao domínio epistêmico de Sweetser (1990), e vincula um conteúdo menos factual, com diferentes níveis de verdade e que pode ser interpretado de acordo com o ponto de vista. Marques e Pezatti (2015) explicam que a relação de conclusão apresenta um raciocínio dedutivo (P portanto Q), em que temos duas premissas, uma explícita e uma implícita, que possibilitam o desenvolvimento de uma conclusão. Em (05), a D1 “O lagartinho-de-folhiço foi descoberto em 1999 pela professora e pesquisadora da UFRN, Elisa Freire, nas áreas remanescentes de Mata Atlântica do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte e do Parque Estadual das Dunas.” nos explica sobre a descoberta do lagarto pela pesquisadora (premissa) e a D2 “Por isso, a espécie foi batizada com o nome científico de *Coleodactylos Natalensis* Freire.” nos apresenta seu nome científico (conclusão). A relação de conexão estabelecida entre essas unidades discursivas é menos factual, porque não há entre os fatos expressos em D1 e D2 uma relação implicativa necessária. Batizar o lagarto com o sobrenome da pesquisadora é apenas uma das possibilidades da nomeação. Por isso, pertence ao domínio epistêmico. Na relação de consequência, por sua vez, D1 e D2 apresentam uma relação mais direta, muitas vezes, incontornável. É o que podemos observar em ocorrências, como, por exemplo: “ele foi o mais rápido na corrida, *por isso* venceu”.

Em seguida, temos o valor de elaboração, que consiste em uma macrocategoria para os valores de esclarecimento, exposição e exemplificação. A elaboração é uma proposta iniciada em Lopes e Moura (2021), e continuada em Lopes e Silva (2022), que objetiva agrupar as relações pertencentes ao domínio do ato de fala de Sweetser (1990). A proposta surgiu a partir da elaboração por parataxe de Halliday (2004) em que duas unidades de informação estão igualmente relacionadas (notação 1 = 2) no plano do conteúdo (LOPES; SILVA, 2022).

Nessa macrocategoria, a característica prototípica das relações é apresentar uma espécie de justificativa, assim a unidade discursiva introduzida pelo conector *por isso* elabora informações adicionais sobre a afirmação apresentada na unidade discursiva anterior. A elaboração abriga três valores: esclarecimento, exposição e exemplificação. Vejamos os exemplos:

(07) A ANP discorda do Ibama sobre a aplicação da Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, de 2010, para o descarte de cascalhos. Segundo a agência, o assunto deve ter critérios estabelecidos pela Lei do Óleo. A AGU concordou com essa visão, mas deu ao Ibama a liberdade de definir, qual, afinal, serão as normas usadas. O órgão ambiental, porém, continua sem definir o assunto. O Ibama declarou que “já adotava critério para descarte” antes da norma de 2018 e, por isso, a ausência de regra “não representa a falta de controle ambiental”.

(08) Segundo a analista do IBGE, Denise Guichard, houve uma redução considerável no número de empresas e postos de trabalho, e a recuperação segue lenta. “Está difícil para as empresas se estabelecerem e gerarem empregos. Por isso, tanto em número de empresas como em pessoal assalariado, estamos em um patamar de o início de a década passada”, observa.

(09) Segundo o tenente Pedro Reis, são observados todos os aspectos legais quanto ao tema, incluindo a parte de regulação, que envolve órgãos como ANATEL, ANAC e Força Aérea.

“A segurança de voo é um fator muito importante. Por isso, dedicamos uma semana inteira para o treinamento. Nosso objetivo é buscar sempre o aperfeiçoamento, tendo em vista a melhoria do serviço para a população”, conta Reis.

O esclarecimento, segundo Halliday (2004), é entendido como o valor em que a primeira unidade discursiva é esclarecida, a partir de

alguma forma de explicação, pela segunda unidade discursiva. Com isso, temos o exemplo (07), em que a D2 “por isso, a ausência de regra ‘não representa a falta de controle ambiental’.” é utilizada para explicar o motivo da não definição das regras. A D2, nesse sentido, serve para esclarecer o conteúdo apresentado na D1, sublinhada.

O valor de exposição, por sua vez, ocorre quando a segunda unidade discursiva é usada para reafirmar, reforçar ou apresentar uma nova perspectiva da afirmação apresentada na primeira unidade discursiva (HALLIDAY, 2004). Em (08), a D2 “Por isso, tanto em número de empresas como em pessoal assalariado, estamos em um patamar de o início de a década passada” parafraseia o conteúdo apresentado na D1 “Segundo a analista do IBGE, Denise Guichard, houve uma redução considerável no número de empresas e postos de trabalho, e a recuperação segue lenta. ‘Está difícil para as empresas se estabelecerem e gerarem empregos.’”, reforçando a mensagem de que as empresas e o mercado de trabalho passam por um momento complicado.

Por fim, temos o valor de exemplificação, em que a segunda unidade discursiva desenvolve a tese apresentada na primeira unidade discursiva, o que é feito para especificá-la e, geralmente, utiliza exemplos reais (HALLIDAY, 2004). Em (09), a D1 afirma que “A segurança de voo é um fator muito importante.” e a D2 “Por isso, dedicamos uma semana inteira para o treinamento.” cita o tempo dedicado ao treinamento como exemplo dessa importância.

Tendo estabelecido esses valores semântico-pragmáticos, seguimos para os dados acerca dos níveis de conexão em que o *por isso* atua. A análise observou a posição do conector e a porção de texto encapsulada pelo pronome demonstrativo *isso*.

Acerca da posição, assumimos que o conector se faz presente em três níveis de conexão: oracional, conectando orações dentro do mesmo período; interperíodo, conectando diferentes períodos dentro do mesmo parágrafo; e interparágrafo, conectando parágrafos diferentes do mesmo texto. E sobre a porção de texto encapsulada pelo pronome demonstrativo, objetivamos enten-

der a extensão da unidade discursiva retomada pelo pronome, isto é, o escopo remissivo.

No nível oracional, como dito, foram encontradas 25 ocorrências do *por isso* entre orações, promovendo sua coordenação. Dentre essas ocorrências em que o *por isso* conecta orações, 20 retomam apenas a oração anterior e 5 referenciam duas ou mais orações anteriores. Observemos duas ocorrências.

(10) Em entrevista ao Foxsports.com.br, Rodolfo Landim, presidente do Flamengo confirmou a suspensão da negociação.

“Sim, nós suspendemos a negociação. Os empresários dele pediram a minha liberação para conversarem com o Fluminense a respeito de uma proposta, mas achei melhor não. Nós não queremos de forma alguma ter um problema com o Fluminense e *por isso* as negociações estão suspensas. Não vamos fazer um novo movimento por ele”, disse Landim.

(11) De acordo com informações da Polícia Militar, assim que foram acionados, os PMs fizeram um cerco na BR 482, no sentido Dores do Rio Preto, e comunicaram as viaturas de Ibitirama, caso o condutor tivesse seguido naquele trajeto.

Os militares seguiram em direção a Celina, no município de Alegre, e foram informados que o carro havia passado na localidade em alta velocidade e, *por isso*, seguiram em frente na intenção de alcançar o infrator, que ao passar próximo à entrada da Cachoeira da Fumaça perdeu o controle do veículo e bateu no meio-fio.

Ambas as ocorrências estão no nível oracional, uma com valor de conclusão (10) e outra com valor de consequência (11). A diferença que se deve observar entre as ocorrências é que, apesar de atuarem no mesmo nível de conexão, possuem escopos remissivos diferentes.

Em (10), o *por isso* retoma apenas a unidade discursiva “Nós não queremos de forma alguma ter um problema com o Flumi-

nense”. Já em (11), o conector retoma duas orações na unidade discursiva “Os militares seguiram em direção a Celina, no município de Alegre, e foram informados que o carro havia passado na localidade em alta velocidade”. Percebemos, assim, que o escopo retomado pelo *por isso* tende a ser relativamente menor quando comparado com os outros níveis, como veremos a seguir.

O nível interperíodo apresentou 36 ocorrências. Nelas, o *por isso* se posiciona no começo de um período e promove relação com o(s) período(s) anterior(es). Foram identificadas 26 ocorrências que promoviam a conexão com o período anterior e 10 que promoviam conexão com dois ou mais períodos.

(12) Os dois movimentos participaram das convocações e da organização do ato. Com palavras de ordem como “fora daqui” e até “petralhas”, um grupo de cerca de 20 pessoas do Direita São Paulo causou confusão.

O conflito aconteceu porque o MBL apoia Sérgio Moro, mas não apoia Bolsonaro. Por isso, os integrantes do Direita São Paulo criticou com afinco o outro movimento com ideias de direita.

(13) Um salgado que todo mundo ama: coxinha. Mas você sabe preparar essa delícia de massa frita recheada com frango?! Fácil de fazer, a coxinha agrada crianças e adultos e é superdeliciosa. *Por isso, a Rotisserie Bologna decidiu compartilhar sua receita de sucesso já que são vendidas 4 mil coxinhas por mês.*

Nas ocorrências acima temos dois exemplos do uso de *por isso*, ambos com valor conclusivo. Em (12) vemos uma retomada apenas do período anterior na unidade discursiva “O conflito aconteceu porque o MBL apoia Sérgio Moro, mas não apoia Bolsonaro”. E, em (13) vemos uma retomada de três períodos na unidade discursiva, como mostra o trecho sublinhado. Com esses exemplos, percebemos que o nível interperíodo possui um escopo maior, visto que tende a retomar uma unidade discursiva mais extensa do que as identificadas no nível oracional.

No último nível de conexão, interparágrafo, propomos que o conector *por isso* pode conectar também um parágrafo ao(s) seu(s) anterior(es). Nos dados selecionados, foram identificadas apenas 5 ocorrências do conector nesse nível, todas remetendo ao parágrafo anterior. Retomemos um exemplo:

(02) Para María Marroquín, a vida em El Salvador se tornou intolerável depois que membros de uma gangue que extorquia dinheiro mataram vários comerciantes no mercado onde trabalhava. Ela também passou a temer pela vida do filho de 27 anos, David, depois que um primo foi sequestrado e desapareceu sem deixar rastros.

Por isso, no ano passado, aos 52 anos, ela decidiu sair do país. A diferença é que, ao contrário dos muitos conterrâneos que tomaram a mesma decisão difícil, ela preferiu atravessar o Atlântico, rumo à Europa, em vez de se juntar aos milhares que estão seguindo a pé para o norte, na esperança de chegar aos EUA e obter asilo ali.

Na ocorrência (02), *por isso* possui o valor consecutivo, iniciando um novo parágrafo e, ao mesmo tempo, promovendo a retomada do parágrafo anterior, ou seja, da unidade discursiva sublinhada. Em resumo, percebemos a clara relação entre a posição do conector e a porção de texto retomada. A partir dos dados, podemos perceber que a extensão da unidade discursiva encapsulada pelo pronome demonstrativo *isso* é influenciada pela posição do conector no texto. Os conectores oracionais tendem a retomar porções textuais menores do que os conectores interperíodos, esses, por sua vez, costumam retomar porções menores do que os interparágrafos.

Outro ponto de nossa análise de dados abarcou o processo coesivo realizado por esse conector. A Linguística Textual entende a coesão como as relações de sentido estabelecidas no interior do texto e que o definem como tal. Dentro desse conceito, a literatura tende a distinguir os processos de coesão em referencial

e sequencial. Assim, apenas para lembrar, a coesão referencial é compreendida como o processo que possibilita a retomada de um elemento do texto anteriormente mencionado. E a coesão sequencial, por sua vez, é definida como as relações de sentido estabelecidas para a progressão textual.

Nesse sentido, percebeu-se que o *por isso* tende a realizar os dois processos de coesão de maneira conjunta. A estrutura desse conector torna favorável que os dois processos coesivos estejam presentes nas porções textuais que ele relaciona. A preposição *por* permite a sequenciação de segmentos que possibilita a progressão do texto, estabelecendo relações lógico-semântica (consequência) ou discursivo-argumentativas (conclusão ou elaboração), enquanto o pronome demonstrativo *isso* promove a retomada de uma porção textual citada a priori, isto é, a referenciação. Para aprofundar a explicação, retomemos três ocorrências:

(09) Em entrevista ao Foxsports.com.br, Rodolfo Landim, presidente do Flamengo confirmou a suspensão da negociação.

“Sim, nós suspendemos a negociação. Os empresários dele pediram a minha liberação para conversarem com o Fluminense a respeito de uma proposta, mas achei melhor não. Nós não queremos de forma alguma ter um problema com o Fluminense e por isso as negociações estão suspensas. Não vamos fazer um novo movimento por ele”, disse Landim.

(12) Um salgado que todo mundo ama: coxinha. Mas você sabe preparar essa delícia de massa frita recheada com frango?! Fácil de fazer, a coxinha agrada crianças e adultos e é superdeliciosa. *Por isso*, a Rotisserie Bologna decidiu compartilhar sua receita de sucesso já que são vendidas 4 mil coxinhas por mês.

(02) Para María Marroquín, a vida em El Salvador se tornou intolerável depois que membros de uma gangue que extorquia dinheiro mataram vários comerciantes no mercado onde trabalhava. Ela também passou a temer pela vida do filho de 27

anos, David, depois que um primo foi sequestrado e desapareceu sem deixar rastros.

Por isso, no ano passado, aos 52 anos, ela decidiu sair do país. A diferença é que, ao contrário dos muitos conterrâneos que tomaram a mesma decisão difícil, ela preferiu atravessar o Atlântico, rumo à Europa, em vez de se juntar aos milhares que estão seguindo a pé para o norte, na esperança de chegar aos EUA e obter asilo ali.

Esses exemplos foram utilizados para detalhar os níveis de conexão em que o conector atua, e os retomamos aqui porque esses níveis são importantes para entender como os processos coesivos são realizados. Percebemos que a relação entre a posição assumida pelo conector e o escopo por ele retomado o colocam no campo da microgramática – isto é, na dimensão suboracional ou oracional – e, também, da macrogramática – isto é, na dimensão superior ao período (cf. HASELOW, 2016).

Aplicando isso em nossa análise, ao atuar no nível oracional, o conector *por isso* atua no nível microgramatical, pois se ocupa apenas da estrutura interna da oração. No entanto, o conector também pode atuar em níveis interperíodo e interparágrafo, promovendo articulação entre porções textuais maiores e, assim, atuando no nível macrogramatical.

Em (09), observamos que a preposição *por* atua possibilitando inferir qual foi o motivo por trás da ação tomada, mas a preposição atua em conjunto, como um *chunking*¹⁵, com o pronome demonstrativo *isso* que encapsula a oração “Nós não queremos de forma alguma ter um problema com o Fluminense”, na qual o motivo foi apresentado. O mesmo procedimento se repete em (12), só que no nível interperíodo, onde a preposição também possibilita inferir a motivação da ação realizada, enquanto o pronome demonstrativo retoma todos os períodos anteriores.

¹⁵ Segundo Bybee (2010), entendemos por *chunking* o processo por meio do qual uma sequência de unidades usadas juntas passa a formar uma unidade complexa.

Para finalizar, em (02), temos um escopo remissivo ainda maior, pois o conector atua no nível interparágrafo. Assim, a preposição possibilita uma progressão, introduzindo um novo tópico que agrega à descrição sobre jornada de María ao sair de seu país, mas o pronome demonstrativo retoma o parágrafo anterior que contém os fatos que resultaram em sua decisão de deixar o país.

Considerações finais

O quadro abaixo sintetiza as respostas aos fatores de análise elaborados anteriormente e trabalhados ao longo deste artigo. Desse modo, reservamos três pontos que não foram aprofundados ao longo do trabalho para comentar aqui. O primeiro ponto é acerca das propriedades pragmáticas do *por isso* que, apesar de já permearem as análises empregadas, julgamos importante reforçar. Os dados demonstraram sua polifuncionalidade e polissemia, assim sua descrição depende, impreterivelmente, do co(n)-texto para definir sua classificação, sobretudo morfossintática e semântica, visto que o *por isso* não apresenta uma única função e significado vinculado. Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que *por isso*, na função de conector, sempre assume uma relação pertencente ao domínio da causalidade, mas se essa relação será de conclusão, consequência ou elaboração, dependerá do tipo de relação contextual estabelecida entre D1 e D2.

Quadro 3. Propriedades formais e funcionais de por isso.

EIXO	PROPRIEDADES	TRAÇOS
FORMA	Morfológicas	- Formado por dois elementos: preposição “por” e pronome demonstrativo “isso”; - Pode atuar como conector ou termo da oração.
	Sintáticas	- Possui mobilidade; - Atua em diferentes níveis de conexão: oracional, interperíodo e interparágrafo; - Possibilita remissão a diferentes unidades discursivas.

FUNÇÃO	Semânticas	- Conector polissêmico, podendo expressar valores de consequência, conclusão e elaboração.
	Pragmáticas	- Sua classificação semântica e funcional depende dos elementos co(n)textuais.
	Discursivo-funcionais	- Adota funções locais, em prol da microgramática; - Adota funções argumentais, em prol da macrogramática; - Utilizado em sequências dissertativo-argumentativas; narrativas e descritivas.

Fonte: Elaboração própria.

O segundo ponto diz respeito às propriedades morfológicas, já que uma de nossas intenções era definir se *por isto* poderia ser uma alternativa ao *por isso*, isto é, se também realizava ligação entre orações, períodos e parágrafos. Para responder isso, foi feita uma breve análise das primeiras 50 ocorrências de *por isto* recuperadas do *Corpus Now*. A busca demonstrou que o *por isto*, na função de conector, também atua relacionando orações, períodos e parágrafos¹⁶, dando margem para investigações futuras.

O terceiro ponto diz respeito ao critério sintático da mobilidade. Embora não tenhamos explorado esse critério devidamente nos dados apresentados neste texto, entendemos que *por isso* não tem o estatuto de conjunção. Está mais próximo ao que Azeredo (2014) chama de advérbio conjuntivo ou à classificação de advérbio de Bechara (2004), na medida em que pode migrar para posições diferentes dentro da unidade de informação que articula.

O presente artigo objetivou apresentar o desenvolvimento da pesquisa acerca da conector *por isso*, assim como os resultados obtidos até o momento. Para isso, descrevemos as propriedades formais e funcionais do conector, as relações semânticas que viabiliza, os níveis de conexão em que atua e o processo coesivo híbrido que realiza.

¹⁶ A análise dos valores semânticos e das propriedades construcionais de *por isto* não foi realizada, pois foge aos limites desta pesquisa.

Em suas relações semânticas, vimos que o conector viabiliza valores de consequência, conclusão e elaboração. Valores esses que se estabelecem dentro dos domínios da causalidade descritos por Sweetser (1990): domínio do conteúdo, domínio epistêmico e domínio do ato de fala. Quanto aos níveis de conexão, vimos que sua atuação ultrapassa a coordenação de orações proposta na tradição gramatical, atuando no nível oracional e em níveis supraoracionais, com relações interperíodos e interparágrafos.

Vimos, por fim, que *por isso* realiza, conjuntamente, os processos de coesão sequencial, que possibilita a progressão do texto, e de coesão referencial, que encapsula uma porção de texto anterior. A partir disso, desencadeia as relações lógico-semântica e discursivo-argumentativas identificadas. Desse modo, a investigação acerca desse objeto representou, para o domínio da conexão, uma ampliação nas funções tradicionalmente descritas na literatura.

Referências bibliográficas

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. New York: Oxford University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadette (org.). *Referenciação*. Clássicos da Linguística. V. 1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Volume Especial, [s. n.], p. 83-101, 2016.

DU BOIS, John. Competing Motivations. *In: HAIMAN, John (ed.). Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 343-365.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica *et al.* Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.). Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13.39.

GRICE, Herbert Paul. Logic and Conversation. *In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (ed.). Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to Functional Grammar*. ed. 3. London: Hodder Arnold, 2004.

HASELOW, A. A processual view on grammar: Macrogrammar and the final field in spoken syntax. *Language Sciences*, [s. l.], v. 54, [s. n.], p. 375-424, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2003.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LOPES, Monclar Guimarães. *Encapsulamentos Semânticos em Perspectiva Discursivo-Funcional*. Orientador: Vanda Maria Cardozo de Menezes. 2010. Dissertação (Mestrado). 219 folhas. Mestrado em Língua Portuguesa, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LOPES, Monclar Guimarães; SILVA, Simone Josefa. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. *Revista Confluência*, Liceu Literário Português, Rio de Janeiro, n. 62, [s.v.], p. 240-269, 2022.

LOPES, Monclar Guimarães; MOURA, Samara Costa. As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida. *Revista Solettras, UERJ, Rio de Janeiro*, [s. v.], n. 41, p. 189-215, 2021.

MARCHUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística de Texto: o que é, como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARQUES, Norma Barbosa Novaes; PEZATTI, Erotilde Goreti. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete. *Referenciação*. Clássicos da Linguística. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa, Unesp, São José do Rio Preto*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. *Gramática do Português*. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. Análise funcional da construção conectora contrastiva "mas olha". *Revista Solettras, UERJ, Rio de Janeiro*, [s. v.], n. 41, p. 216-234, 2021.

SEARLE, John. A Classification of Illocutionary Acts. *Language in Society*, New York, v. 5, n. 1, p. 1-23, apr. 1976.

SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics*. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Peking: Peking University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.